

9º Curso sobre Ordens Militares: «Ordens Militares e Religiosidade»

JOÃO LUÍS FONTES; LUÍS FILIPE OLIVEIRA

Nos dias 7 e 8 de Fevereiro de 2009, decorreu em Palmela mais um Curso sobre Ordens Militares. A iniciativa, há muito organizada pela Câmara Municipal de Palmela, através do Grupo de Estudos sobre a Ordem de Santiago (GESOS), destina-se a quantos se interessam pela presença e pela acção das ordens militares no território português. A edição deste ano foi dedicada à vida religiosa das Ordens Militares, um tema pouco estudado e mal conhecido, e contou com a colaboração científica do Instituto de Estudos Medievais, sob a direcção do Prof. José Mattoso.

No texto que servia de apresentação, José Mattoso apontava já algumas das dificuldades inerentes ao estudo deste tema, dado o desaparecimento quase completo «dos testemunhos directos acerca das práticas religiosas, dos textos doutrinários e das leituras dos membros das ordens militares portuguesas». Pretendia-se realizar, ainda assim, «um primeiro levantamento das fontes disponíveis, das questões a esclarecer e dos métodos a utilizar», com vista a desbravar caminhos numa área onde a investigação se revela ainda escassa e particularmente difícil.

Foi o próprio José Mattoso quem abriu o Curso. Começou por recordar a necessidade de compreender racionalmente a motivação religiosa dos freires e de evitar as explicações que negam essa dimensão do seu comportamento, insistindo numa total secularização das ordens durante os séculos finais da Idade Média. Depois de evocar essa tendência historiográfica, infelizmente muito generalizada, apresentou alguns dos rumos que poderão ser trilhados por quem queira estudar a religiosidade dos cavaleiros e freires das ordens. Adoptando, por vezes, um tom escolar, lembrou a conveniência de alargar o inquérito a todos os testemunhos disponíveis e de analisar as temáticas que se cruzam com o universo religioso das ordens. A esse propósito, citou os temas da guerra santa e do ideal de cavalaria, cuja relação importaria estudar e esclarecer. Para o fazer, haveria que considerar os testemunhos textuais, directos e indirectos, que lhes dizem respeito, mas também os reflexos desses textos noutras fontes como os epitáfios, as listas de bibliotecas, as actas de visitação, ou a produção iconográfica. Também os vestígios materiais – arquitectónicos, arqueológicos, iconográficos, litúrgicos, ou outros –, poderão ser revisitados nesta perspectiva, sobretudo se forem interrogados para lá da sua materialidade, quer dizer, através das ideias e dos modelos a que eles deram corpo, mas que lhes conferem outro alcance e maior eloquência simbólica.

Foi ainda neste caminho que se situou a intervenção de Luís Filipe Oliveira. Depois de sublinhar aquilo que definia o essencial da vida religiosa dos freires, ou seja, a opção de fazerem da guerra um instrumento do serviço de Deus, e de recordar como isso pode ter limitado a sua formação espiritual, procurou apontar, a partir dos acervos documentais das Ordens, as fontes para o estudo da sua vida religiosa. Mencionou os textos desaparecidos, mas que outrora existiam nas casas das milícias, e, sobretudo, os diversos testemunhos inéditos que se conservam nos arquivos. Terminou sublinhando a necessidade de completar o inventário a partir de outros fundos, como é o caso, entre outros, da coleção dos Manuscritos da Livraria, cujo catálogo é lacunar e está longe de estar completo.

Um segundo grupo de intervenções procurou inquirir, por um lado, as relações destas ordens com o poder episcopal, e, por outro, os horizontes espirituais abertos aos cavaleiros e freires das milícias. O primeiro aspecto foi tratado por Hermínia Vilar com base nos dados recenseados para a diocese de Évora e trouxe várias interrogações sobre a formação da rede paroquial e o enquadramento dos fiéis, a que só se poderá dar resposta com uma investigação mais pormenorizada. A partir de uma releitura do *Elogio da Nova Milícia* de S. Bernardo, Saúl Gomes deixou diversas sugestões sobre a presença de textos doutrinários de referência nos diplomas exarados pelas chancelarias das ordens, tendo ainda sublinhado a provável influência dos templários na *Vida de S. Martinho de Soure*. Se bem que seja um inquérito difícil, importa prosseguir-lo pelos dados que poderá facultar sobre as leituras e a formação espiritual dos freires.

As intervenções seguintes estiveram a cargo de Pedro Picoito e de João Luís Fontes. O primeiro recenseou a informação disponível sobre o culto dos mártires, um dos cultos acolhidos e promovidos pelas ordens, e apresentou-o como símbolo de identidade, e, sobretudo, como modelo de conduta para quem fazia a guerra *por amor*. A partir de um estudo sobre os Eremitas da Serra de Ossa, João Luís Fontes interrogou o interesse dos freires por outras formas mais exigentes de vida religiosa. Não só documentou a ligação pessoal dos mestres de Avis e de Santiago com essas comunidades de anacoretas, como demonstrou que elas beneficiavam, muitas vezes, da sua protecção e do seu apoio, que se materializava na concessão de bens e na dispensa de uma atenta vigilância. O que sugere que as aspirações religiosas não estavam ausentes do horizonte de vida dos freires.

Coube a Fernanda Olival evocar, para o período moderno, os traços da religiosidade cultivada pelos freires e apresentar os elementos que serviam, por isso, como factores de distinção e de afirmação social. Os dados que apresentou sobre a identidade religiosa dos freires são particularmente significativos, já que respeitam a um período caracterizado por profundas transformações no interior das Ordens Militares, após a sua definitiva sujeição à Coroa. Recorrendo a um tom muito didáctico, que tinha em conta o público a que o Curso se destinava, esta investigadora procurou clarificar

o estatuto dos freires e cavaleiros das Ordens nos séculos XVI-XVIII, bem como as formas de vivência religiosa por eles desenvolvidas, ou a eles associadas.

A realização deste Curso foi ainda pretexto para o lançamento de dois livros: as Actas do *V Encontro sobre Ordens Militares*, que se havia realizado em Fevereiro de 2006, e o estudo de Luís Filipe Oliveira, *A Coroa, os Mestres e os Comendadores: As Ordens Militares de Avis e de Santiago (1330-1449)*, publicado pela Universidade do Algarve. A apresentação das Actas foi feita por Maria Cristina Pimenta, tendo sido José Mattoso quem deu a conhecer a obra de Luís Filipe Oliveira, que corresponde à sua dissertação de doutoramento. No Curso incluiu-se, ainda, uma visita a monumentos religiosos de Setúbal medieval e moderna, conduzida por José Custódio Vieira da Silva.

Pela qualidade dos intervenientes, e, sobretudo, pela ousadia do tema, o Curso poderá fazer história, ao abrir caminhos numa área onde os estudos mais escasseiam. Sem escamotear as dificuldades, as dúvidas, ou os problemas, nele se convocaram alguns contributos e várias sugestões. Apontaram-se sobretudo vários rumos de investigação, que talvez tragam conhecimentos novos sobre as Ordens Militares e a vida religiosa as caracterizava.

Evocações em torno da figura do Condestável D. Nuno Álvares Pereira, agora São Nuno de Santa Maria

JOAQUIM CANDEIAS DA SILVA

Na sequência da canonização do Beato Nuno de Santa Maria – o “Santo Condestável” (1360-1431) – concluída por S. S. o Papa Bento XVI, em cerimónia solene que teve lugar em Roma a 26 de Abril 2009, realizaram-se pelo país dezenas de manifestações culturais e religiosas em torno do novo Santo Português e da Igreja.

Uma das primeiras teve lugar a 1 de Maio de 2009, em Cernache do Bonjardim, concelho da Sertã, terra natal de D. Nuno. Foi uma festa de reconhecimento e acção de graças pela Canonização, em organização conjunta da Câmara Municipal da Sertã, do Seminário das Missões, da Junta de Freguesia e Paróquia de S. Sebastião de Cernache, com missa solene e festejos populares extraordinariamente participados. Na sessão cultural, que teve lugar no Seminário da parte tarde, foi apresentado o livro